

## **SOBRE A PIEDADE (*ÉLEOS*) E A INDIGNAÇÃO (*NEMESÂN*) NA RETÓRICA DE ARISTÓTELES**

ON THE PIETY (*ÉLEOS*) AND THE INDIGNATION (*NEMESÂN*) IN RHETORIC ARISTOTLE

Daniel Felipe Couto Vieira Silva\*

### RESUMO

Esta comunicação pretende abordar uma das perspectivas sobre o problema das paixões em Aristóteles, no contexto de sua teoria das paixões. Nesta análise, após apresentarmos o problema geral das paixões (ou emoções) na filosofia do estagirita, nos deteremos na abordagem a partir do livro II da *Retórica* e, dentre as paixões ali examinadas, na piedade (*éleos*) e indignação (*nemesân*), estudando como esse par atua nos discursos persuasivos e interferem no juízo dos interlocutores do processo retórico. Tal articulação leva a questão do discurso, e conseqüentemente das paixões para o âmbito ético-político, demonstrando como o exercício da cidadania era, em suma, um exercício da persuasão. Tentaremos articular os tipos de discurso e os elementos fundamentais da retórica, e a importância do *páthos* para o convencimento, estabelecendo a importância da relação do orador com sua assembleia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paixões. *Éleos*. *Nemesân*. Retórica. Aristóteles.

### ABSTRACT

This communication intends to approach one of the perspectives on the problem of the passions in Aristotle, in the context of his theory of the passions. In this analysis, after presenting the general problem of passions (or emotions) in the philosophy of stagirita, we will dwell on the approach from Book II of Rhetoric and, among the passions examined therein, in piety and indignation, as this pair acts on the persuasive discourses and interferes in the judgment of the interlocutors of the rhetorical process. Such articulation takes the issue of discourse, and consequently of passions to the ethical-political arena, demonstrating how the exercise of citizenship was, in short, an exercise in persuasion. We will try to articulate the types of discourse and the fundamental elements of rhetoric, and the importance of the pthos to the conviction, establishing the importance of the relation of the speaker to his assembly

**KEY WORDS:** Passions. *Éleos*. *Nemesân*. Rhetoric. Aristotle.

Esta comunicação pretende abordar uma das perspectivas sobre o problema das paixões analisando sistematicamente o livro II da *Retórica* de Aristóteles, no contexto de sua teoria das paixões<sup>1</sup>. Nesta análise, após apresentarmos o problema geral das paixões (ou emoções) na filosofia do estagirita, nos deteremos na abordagem a partir do livro II da *Retórica* e, dentre as paixões ali examinadas, na piedade (*éleos*) e indignação (*nemesân*), estudando como esse par atua nos discursos persuasivos e interferem no juízo dos interlocutores do processo retórico. Tal articulação leva à questão do discurso, e

---

\* Mestrando em Filosofia, UFMG/FAPEMIG. E-mail: [daniel-couto@msn.com](mailto:daniel-couto@msn.com).

<sup>1</sup> A teoria das paixões aristotélica é tratada também na *Metafísica*, *Ética a Nicômaco*, *Poética* e no *De anima*.

consequentemente das paixões para o âmbito ético-político, demonstrando como o exercício da cidadania era, em suma, um exercício da persuasão. Tendo em vista a amplitude desse recorte, tentaremos pontualmente articular os tipos de discurso e os elementos fundamentais da retórica (*ethos*, *páthos* e *lógos*), e a importância do *páthos* para o convencimento, estabelecendo a importância da relação do orador com sua assembleia, principalmente no que se refere às disposições e condução dos humores. Para isso, neste trabalho, utilizamos como referência textual, a tradução do texto aristotélico realizada por Isis Borges B. Fonseca (2000) que o nomeia como *Retórica da paixões*, e os trabalhos de Kennedy (2006), Meyer (2000), Konstant (2007) e Worthington (2007), ajudando a associar as questões filológicas, contextuais, temáticas e filosóficas.

No final desta apresentação, por meio da análise sistemática dos dois termos (*éleos* e *nemesân*) e outros conceitos correlatos, e da nova proposta de caracterização da retórica, bem como sua conexão com outros escritos aristotélicos, principalmente os textos ligados à ética e à poética, pretendemos apresentar a importância dessas duas paixões e seu efeito na da *polis*, no contexto das discussões contemporâneas sobre a relação da filosofia, retórica e política no mundo grego clássico.

Como dissemos, um dos lugares em que Aristóteles discute o conceito de paixão ou emoção (*páthos*; *πάθος*) é no livro II da *Retórica*, no qual o problema da análise das paixões está intimamente ligado ao homem e ao seu comportamento, no contexto de sua vida política, como cidadão da *pólis*. O termo *páthos* (traduzido ora por paixão, emoção e afecção) foi assimilado por tradições filosóficas posteriores a Aristóteles recebendo formulações teórico/conceituais, chegando à variável latina, assentada junto à cultura cristã na qual se desenvolve, que nomeia essas afecções como *passio*<sup>2</sup>. Como essa diferenciação terminológica – e também conceitual – não será objeto desta apresentação, achamos pertinente apenas apresentar essa tradição, deixando a discussão para outra oportunidade.

Na definição de *páthos*, seguimos a perspectiva teórica de Meyer (2000) na qual o autor concebe que as paixões são elementos constitutivos da natureza humana e, como tais, não podem ser isoladas em seu estudo, mas entendidas dentro da dinâmica plural da filosofia humanista, isto é, na investigação das questões do ser humano em sua completude. Por isso, tais afecções não poderiam ser um objeto investigativo desassociado da ética, política, física, psicologia, epistemologia, etc., mas um dos elementos de uma filosofia orgânica dos seres

<sup>2</sup> A tradução sugerida para o termo latino, paixão, é a mesma que utilizamos para a terminologia grega, porém a distinção de ambos está na significação teórica.

humanos. Em nossa interpretação, portanto, é dessa maneira que Aristóteles apresenta o *páthos* em sua *techné* retórica, e é por essa via que analisaremos a piedade e a compaixão como disposições constitutivas da natureza humana capazes de alterar o julgamento.

Aristóteles passou a maior parte de sua vida em Atenas, e o ambiente da *pólis* ateniense (bem como sua relação com Platão e Isócrates) foi decisivo para que o filósofo pudesse desenvolver sua *Retórica*, produto da sua habilidade incomum de observação da natureza e dos homens, da intensa experiência de convívio com os grandes oradores (presenciando os discursos ou tendo contato com as transcrições), da leitura dos textos de seus antecessores e contemporâneos, e das possíveis aulas que ele ministrava sobre retórica na Academia Platônica.<sup>3</sup>

Para entendermos a característica e a importância do falar em público no contexto da Grécia antiga, é preciso reiterar a forma de organização política da *pólis*. A democracia grega – e em específico a política ateniense – tinha como um de seus fundamentos a representatividade de todos os cidadãos<sup>4</sup>. Tal representatividade se dava nas assembleias, quando o direito de fala era igual para todos. Nessas grandes reuniões públicas, os diversos interesses eram expostos, defendidos e julgados conforme os discursos. Falar bem era condição essencial para exercer a cidadania.

Côncio dessa conjuntura, Aristóteles traz em seu texto a dimensão da retórica como o caminho para o convencimento e a vida pública (*Retórica*, 2005, I, 1354a-1354b). É perceptível a intenção do filósofo de apresentar uma análise fundamentada e coerente sobre a arte do discurso (*techné rhetorike; τέχνη ρητορική*) em contraposição àquilo que os sofistas ensinavam em Atenas<sup>5</sup>. Como sabemos, Aristóteles, define a retórica como uma das faces

---

<sup>3</sup> Ver MEYER (2000) e LÓPEZ-EIRE (1997).

<sup>4</sup> Na *pólis* grega, eram considerados cidadãos os homens adultos, com posses e com sua família residida na cidade há gerações. O tempo de estadia exigido variava de acordo com cada *pólis* e, em alguns momentos específicos, houve a inclusão de *metecos* (*estrangeiros*) ao corpo de cidadãos por razões sócio/políticas, como é possível conferir no trabalho de JONES (1997, p. 155-250).

<sup>5</sup> A contraposição é em relação à visão dos sofistas como adversários da verdade (filosofia), fortalecida pelas leituras dos diálogos platônicos. Porém, a questão é muito mais ampla e, por isso, é necessária a leitura do trabalho de Worthington (2007). Ainda sobre o tema, um recém-publicado capítulo de McKirahan (2018) aponta perspectivas metodológicas interessantes. Contudo, enfatizamos, aqui, a estruturação da retórica aristotélica como uma *techné*, enquanto para os sofistas o “ensino” da persuasão não necessita de uma sistematização.

(*antístrofe*) da dialética<sup>6</sup>, tendo em vista que ela também se ocupa de um dos meios/caminhos do conhecimento<sup>7</sup>: as questões relacionadas ao discurso público/jurídico.<sup>8</sup>

Como atividade fundamental do cidadão grego, e de maneira geral, dos seres humanos, a retórica é utilizada mesmo que, previamente, não se tenha realizado o processo de ensino da arte (*techné*). Como a vida da pólis se dá a partir da representatividade pelo discurso, esse exercício é uma atividade estrutural da política e, com isso, todos precisavam fazê-lo, de maneira sistematizada ou não. Aristóteles nos dirá, portanto que, na *práxis* do discurso “simplesmente, na sua maioria, umas pessoas fazem-no ao acaso, e, outras, mediante a prática que resulta do hábito. E, porque os dois modos são possíveis, é obvio que seria também possível fazer a mesma coisa seguindo um método” (*Retórica*, 2005, I, 1354a).

Nesse sentido, quando o filósofo descreve a arte retórica, está se referindo a um conjunto de regras, modelos e princípios gerais que ainda não foram expostos pelos antigos tratados. Para ele esses ensinamentos anteriores lidam apenas com uma parte da retórica e, por isso, são incompletos. Podemos verificar esse ataque direto aos antigos “sistemas”<sup>9</sup> quando ele declara que eles não lidam com os entimemas<sup>10</sup>, ou que seus autores dedicam os seus tratados a questões que são exteriores ao assunto. Aristóteles não nega a importância desses elementos – dentre os quais encontramos as emoções –, apenas assinala que eles são uma parte da retórica, e que essa engloba inúmeros outros aspectos ainda não tratados (*Retórica*, 2005, I, 1354a – 1354b).

Uma vez que os discursos públicos podem ser proferidos segundo um método, o estagirita, seguindo a estrutura organizacional da pólis, sistematiza os três tipos de discurso: o discurso epidídico, o discurso jurídico e o discurso deliberativo (*Retórica*, 2005, I, 1358b). A distinção dos tipos de discurso está fundamentada na função que cada um deles possui dentro do sistema político/público de Atenas, e na relação das suas estruturas e dos temas e objetivos

<sup>6</sup> Aristóteles se contrapõe, em alguma medida, à Platão, que condena duramente a retórica, principalmente nos diálogos *Fedro*, *Górgias* e *Sofista*.

<sup>7</sup> Aristóteles trata o conhecimento como uma ação plural, possuindo diversas maneiras de buscar a verdade/conhecimento. Sobre isso o professor Höffe (2008) nos fala no seu livro *Aristóteles* que “Aristóteles consegue alargar a riqueza das possibilidades epistêmicas, sem se perder em mera multiplicidade”.

<sup>8</sup> É nesse sentido que o professor Kennedy (2006) opta por nomear a sua tradução do texto de Aristóteles de: *Retórica: a arte do discurso cívico* (tradução nossa).

<sup>9</sup> Apesar de utilizarmos o termo sistema, em nossa leitura, a sistematização da arte retórica se dá a partir da perspectiva aristotélica. Os antigos manuais ofereciam um instrumento para o discurso, sem, necessariamente, proporcionar uma reflexão sobre a estrutura e as técnicas propostas.

<sup>10</sup> Entimema é um silogismo retórico: um silogismo em que uma, ou duas, premissas estão omitidas. A retirada da premissa acontece porque considera-se que todos sabem/conhecem a informação e não é preciso reproduzi-la. Não é uma ausência que contraria a regra silogística, mas uma supressão. Dessa maneira, quando um entimema desrespeita tal regra e conclui um raciocínio ilegítimo, ele será um entimema aparente.

locucionados.<sup>11</sup> Sendo assim, os discursos jurídicos são aqueles proferidos nos tribunais, por ocasião de julgamentos e querelas, e pretendem expor o fato ao juiz para que este possa decidir a favor ou contra uma causa determinada. É dessa natureza, também, os discursos de defesa (apologias) que os cidadãos comumente apresentavam em processos nos quais eram acusados. Os discursos deliberativos, em outro contexto político, são argumentos, sugestões e exortações que visam convencer a assembleia sobre um determinado tema, projeto e ação. Por fim, os discursos epidídicos são aqueles que louvam, bendizem e exaltam publicamente com a intenção de enaltecer uma virtude ou repudiar o vício de alguém, de algum feito ou situação. Tais discursos são muito comuns na vida pública de Atenas, como, por exemplo, o conhecido discurso de Péricles que chegou até nós através de Tucídides (2001) em sua *História da Guerra do Peloponeso* (no livro primeiro, cap. 140 a 146 – Primeiro discurso de Péricles, e no livro segundo, cap. 35 a 46 – Discurso Fúnebre de Péricles e 60 a 64 – Discurso de Péricles).

Sendo assim, Aristóteles afirma que um discurso – seja ele do tipo que for – possui dois elementos que estão em constante relação: o orador e um auditório. Diferente da dialética (tomada aqui no modelo dos diálogos platônicos), em que o interlocutor está ativo e interpelando, em um movimento de troca argumentativa, nos discursos retóricos o orador profere o discurso e o auditório o recebe, assimilando durante o processo de locução e respondendo, quase que imediatamente, com o seu assentimento ou objeção. Desse modo, o elemento de convencimento pode se intercalar entre as qualidades e a técnica do orador e a disposição/paixão suscitada no auditório. Para que um discurso tenha êxito em seu convencimento, ele precisa articular três elementos: o *éthos*, o caráter do orador; o *páthos*, o sentimento causado no auditório; e o *lógos*, a própria argumentação, a verdade ou veracidade do discurso. Esses três aspectos estão inter-relacionados, combinando-se mutuamente, e o convencimento se torna frágil caso um desses seja questionado por parte do auditório. É mais difícil persuadir se a argumentação é verossímil e desperta as emoções necessárias mas a reputação do orador é contrária e traz descrédito. Da mesma maneira, um orador renomado, de boa reputação e que profere um discurso bem argumentado, mas que não desperta as

---

<sup>11</sup> Mesmo com a distinção entre os gêneros discursivos, eles não são excludentes, isto é, a vida pública está de tal maneira imbricada que aquilo que é louvável (provavelmente lembrado em um discurso epidídico) poderá influenciar o cidadão em uma decisão na assembleia, da mesma maneira que as deliberações podem ser impactadas pelos discursos apresentados nos discursos jurídicos. Se eles são diferenciados para a sua sistematização, não são instancias absolutas em si, mas relacionais. Podemos perceber isso, em alguma medida, quando os oradores, ao discursarem em um destes contextos específicos, trazem elementos de um outro tipo de discurso.

paixões certas no interlocutor, terá dificuldade no seu convencimento. Segundo Aristóteles, o discurso persuasivo deve ter os três elementos bem relacionados.

Dentro dessa estrutura proposta pelo filósofo, podemos identificar que a retórica utiliza as paixões no seu processo de convencimento. Porém, o que é esse *páthos*, e como a produção de emoções é importante para a alteração dos juízos? Se os três elementos da retórica são essenciais para o convencimento, como eles se articulam e qual o papel específico do *páthos*? As afecções estão ligadas ao homem e à sua relação com os outros, possuem uma faceta, portanto, ético-política. Talvez seja tal aspecto que tenha conduzido o interesse de Aristóteles em desenvolver o problema das emoções, também, no contexto da *Ética a Nicômaco* (1105b 22-24)<sup>12</sup>: “por paixões entendo os apetites, a cólera, o medo, a audácia, a inveja, a alegria, a amizade, o ódio, o desejo, a emulação, a compaixão, e em geral os sentimentos que são acompanhados de prazer ou dor; [...]”.

Os apetites, portanto, podem influenciar os juízos, uma vez que o orador consegue afetar/alterar o seu ouvinte. Tais apetites não necessariamente são acompanhados de uma atividade reflexiva sobre eles, estão na ordem dos impulsos, da passividade. Essa influência das paixões na deliberação do auditório se torna explícita quando o filósofo nos diz que “os fatos não se apresentam sob o mesmo prisma a quem ama e a quem odeia, nem são iguais para o homem que está indignado ou para o calmo, mas, ou são completamente diferentes ou diferem segundo critérios de grandeza” (*Retórica*, 2005, II, 1377b-1378a).

Essa capacidade das emoções de alterar o juízo precisa ser investigada, levando em consideração três aspectos. Para entendermos essa outra tríade, tomamos o exemplo paradigmático da ira (*orgê*), apresentado pelo próprio filósofo, que nos diz que quando realizamos a análise dos aspectos necessários para a produção da emoção, podemos ressaltá-los da seguinte maneira: i) o estado de espírito; ii) contra quem; iii) e em que circunstâncias. Aristóteles estabelece essa nova divisão do seguinte modo:

As emoções são causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que elas comportam dor e prazer: tais são a ira, a compaixão e outras semelhantes, assim como as suas contrárias. Mas convém distinguir em cada uma delas três aspectos. Explicome: em relação à ira, por exemplo, convém distinguir em que estado de espírito se acham os irascíveis, contra quem costumam irritar-se e em que circunstâncias; é que, se não possui mais do que um ou dois destes aspectos,

<sup>12</sup> É importante ressaltar que essa lista das paixões, presente na *Ética a Nicômaco*, difere das paixões apresentadas na *Retórica*, uma vez que, apesar da sua sustentação conceitual comum, os objetivos textuais do filósofo são diferentes.

e não a sua totalidade, é impossível que haja alguém que inspire ira. (*Retórica*, 2005, II, 1378a).

Em diálogo com o que escreve no primeiro livro da *Retórica*, em que é preciso que o orador tenha em sua performance os três elementos persuasivos bem relacionados (*éthos*, *páthos* e *lógos*), quando aprofundamos a questão do *páthos* e da persuasão, encontramos essa outra divisão tripla profundamente articulada. A divisão das condições para a produção das paixões é comum para todas as afecções, como diz o próprio Aristóteles, na sequência da citação que acabamos de apresentar e, se os três aspectos não são atingidos, é impossível inspirar a paixão e, conseqüentemente, a persuasão retórica se torna mais difícil.

As paixões são expostas por Aristóteles como pares opostos – ligados ao prazer e à dor – e elas estão imbricadas no processo do convencimento. Ele lista, na *Retórica*, as seguintes emoções: a ira e a calma; amizade e inimizade; temor e confiança; vergonha e desvergonha; amabilidade e indelicadeza; piedade e indignação; inveja e emulação. Essas emoções podem ser consideradas arquetípicas, e pretendem abarcar as diversas possibilidades das interações do ser humano, compreendendo, novamente, o âmbito da ética e, de maneira mais ampla, a política. Apesar de não delimitar esses pares como os únicos possíveis, ao apresentar minuciosamente estes, dizendo, em cada uma, os três aspectos para a sua produção (os estados de espírito, a circunstância e contra quem eles são direcionados), pretende-se oferecer uma reflexão completa sobre as emoções e um método de como instigá-las.<sup>13</sup>

Sistematizando sua arte retórica (*techné rhetorike*) e estabelecendo sua técnica do discurso, Aristóteles fornece um material denso no que se refere às questões das paixões, identificando suas características e apresentando os elementos fundamentais de cada um dos pares. Utilizando-se da concepção das paixões dentro da dualidade prazer-dor, a teoria aristotélica não as racionaliza, mas coloca as paixões como um estado, uma afecção, que impacta a alma e a modifica sem uma atividade reflexiva. Os apetites, inclinações ou disposições por parte daquele que é afetado pela paixão, compartilham essa natureza dicotômica e podem nos levar a um ou a outro extremo do par, fazendo com que o intento persuasivo obtenha êxito ou não. O convencimento se dá quando o apetite correto é estimulado e o orador consegue utilizar as paixões despertadas em favor do juízo que pretende

---

<sup>13</sup> Para um estudo detalhado de cada uma das paixões, sugerimos o clássico texto de KONSTAN (2007). É possível encontrar nesta obra uma análise minuciosa do *pathos*, a partir da teoria aristotélica e dos textos da literatura clássica.

suscitar no auditório. Assim, as paixões não são um elemento apócrifo da retórica, mas um dos pilares da argumentação, provocadas intencionalmente no auditório pelo orador.

O controle das paixões, a partir de um conhecimento aprofundado de suas características e da intencionalidade do orador, é um elemento característico da visão aristotélica, atribuindo à retórica um estatuto positivo, delegando às questões éticas envolvidas na utilização *techné* o julgamento sobre a sua importância para a vida na *pólis*. Diante disso, os pares de paixões são recortes das possibilidades de experiência do ser humano diante dos outros, e possuem, portanto, como dissemos anteriormente, elementos de caráter ético-político.

Por fim, nos deteremos na piedade (*éleos*) e a indignação (*nemesân*) pois esse par de afecções possui uma importante relação dentro da filosofia aristotélica, articulando as questões do discurso com suas implicações ético/políticas e, atravessando a literatura e a religião, estabelecem uma forte correspondência entre o orador e o auditório, além de disporem de uma tradição interpretativa posterior que se debruça sobre elas ressignificando seus conceitos a partir de novos elementos da cultura e da filosofia. Dentro dessa gama de possibilidades, o que, de fato, constitui a piedade e a indignação na arte do discurso?

À vista disso, a investigação dessas duas paixões no contexto da Grécia antiga, e a sua utilização na retórica, nos permite entender como os juízos são alterados ao induzir o auditório a perceber, através do discurso, que uma determinada situação na qual um “mal destruidor e aflitivo” acomete “quem não merece ser afetado”, pode estar ligada à própria experiência do ouvinte. Ao ser impactado por essa imagem, o auditório percebe que aquele mal pode “fazer-nos sofrer a nós próprios, ou a algum dos nossos” (*Retórica*, 2005, II, 1385b-1386a) e, com esse movimento, apieda-se e altera a sua percepção sobre a questão proposta.

Como par opositor, esse mesmo auditório pode julgar sob um determinado ponto de vista ao ser conduzido à indignação diante de uma ação que parece injusta e a pena seria merecida, mas, ao contrário do esperado, o “infrator” permanece gozando de sua liberdade e fortuna. Nesses casos, alguém, que é percebido como merecedor de castigo, está em uma clara situação de recompensa e gozo. A penalidade parece se justificar pois o “infrator” é apresentado como beneficiado e se deleita por uma “felicidade imerecida”. O auditório é levado a se indignar pois “não é justo que aqueles que não são nossos iguais sejam julgados

dignos de bens iguais os nossos” (*Retórica*, 2005, II, 1387b-1388a) e, uma vez que as ações deles são repreensíveis, não deveriam gozar do conforto, da riqueza e da felicidade<sup>14</sup>.

A partir da concepção aristotélica, no parâmetro do juízo, a piedade e a indignação estão fundamentadas nas ações dos outros (tanto no auditório quanto nos outros que possivelmente poderiam ser afetados pelas situações ilustradas), porém toma-se como ponto de análise a própria condição, a possibilidade e a situação do ouvinte. Parece-nos que, na análise dessas paixões, o elemento ético/político desloca-se com significativa clareza para o eixo do juiz. Aquele que julga, impactado pelas paixões e persuadido pelo discurso, toma como pressuposto para a tomada de decisão a sua própria condição, podendo ser influenciado a dar um veredito injusto se conduzido segundo uma má intenção.

Como a retórica é uma arte que pode ser utilizada pelos bons e maus oradores, a capacidade de afetar o auditório com paixões que alteram o juízo para as causas que não são justas ou verdadeiras parece ser o principal ponto de crítica aos sofistas (retomando a querela apresentada por Platão)<sup>15</sup>. Essa característica, por outro lado, na retórica aristotélica, é entendida como uma possibilidade oferecida pelo próprio processo de persuasão. Não é porque essa *techné* pode ser utilizada para finalidades que são prejudiciais para a *pólis* que toda a retórica deve ser colocada como inimiga e expurgada da cidade. O problema da má utilização se desloca para a dimensão ética e formativa dos cidadãos<sup>16</sup>. Tomando a piedade como exemplo, percebemos que o orador que consegue levar o seu auditório a uma postura de identificação com os males ocorridos a outrem, e ao reconhecimento da possibilidade de que aquela mesma situação, ou outra parecida, ocorra também com eles, altera o juízo para a perspectiva que ele apresenta, mesmo que alguns dos critérios para o julgamento ofereçam razões condizentes do contrário. É perigoso, contudo, que a maldade do orador produza julgamentos que prejudiquem a cidade, assim, retórica e ética convergem em questões fundamentais da vida pública ateniense.

Dessa maneira, investigar como o par piedade-indignação afeta o auditório e entender a importância dessas paixões dentro do contexto grego, e as suas articulações na vida ético/política da *pólis*, nos ajuda a interpretar a teoria das paixões aristotélicas, as suas

---

<sup>14</sup> Os que merecem o castigo parecem estar em um estado de recompensa. Por isso a felicidade aparente, vista por parte do sujeito que fica indignado, entra como elemento importante dessa paixão. Nos termos da ética, poderíamos nos perguntar: é justo que um indigno goze da felicidade imerecida?

<sup>15</sup> Nesse contexto, os sofistas entram como “aqueles que praticam a má retórica”. Essa análise segue a perspectiva de uma leitura platônica como comentamos anteriormente.

<sup>16</sup> Isócrates, no *Contra os Sofistas*, apresenta um problema semelhante sobre o uso da “educação dos discursos” por parte dos “falsos sábios”. Em relação a isso ver o trabalho de Lacerda (2011).

reverberações dentro do sistema filosófico de Aristóteles e as diversas leituras, positivas e negativas, que a retórica recebeu em mais de dois milênios de interpretação. Mesmo que o interesse pela *Retórica* tenha sido retomado na segunda metade do século XX, a imagem negativa da arte retórica e dos oradores é constante na história da filosofia, algo que, para nós, parece ser fruto de uma má compreensão do papel das paixões e da persuasão dentro da investigação filosófica. Finalmente, conscientes de que esse tema é amplo, tentamos, nesta breve comunicação, apontar alguns caminhos para o entendimento dessas duas paixões dentro do contexto da *Retórica*, sabendo que o desdobramento da nossa pesquisa, no âmbito da dissertação, poderá ajudar na compreensão das paixões como eixo político fundamental na constituição da justiça, trazendo orador e auditório, a partir do juízo, para o centro do debate sobre a “cidade ideal”.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução Eudoro de Sousa. 7. ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Editora Abril Cultural. 1984. (Coleção Os Pensadores).

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução e comentário, Giovanni Reale. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

ARISTÓTELES. **Política**. Tradução Antônio Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Lisboa: Editora Vega, 1998.

ARISTÓTELES. **Retórica das Paixões**. Tradução e notas de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução Manuel Alexandre Junior, Paulo Farhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

ARISTÓTELES. **Sobre a Alma**. Tradução Ana Maria Lóio. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2010.

ARISTOTLE’S Rhetoric. In: **Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Center for the Study of Language and Information (CSLI), Stanford University. Stanford, Califórnia: 2010. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/aristotle-rhetoric/>. Acesso em 20 de março de 2019.

BARILLI, Renato. **Retórica**. Lisboa: Editorial Presença, 1985.

BARNES, Jonathan (org.). **Aristóteles**. Tradução Ricardo Hermann Ploch Machado. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009. (Coleção Companions & Companions).

BARNES, Jonathan. **Aristóteles**. Tradução Adail Ubirajara Sobral; Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

BERNARD, Besnier; MOREAU, Pierre-François; RENAULT, Laurence. **As paixões antigas e medievais**. Tradução Miriam Campolina Diniz Peixoto. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

BERTI, Enrico. **Aristóteles**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. São Paulo: Ideias & Letras, 2015.

BERTI, Enrico. **Novos estudos aristotélicos I: Epistemologia, lógica e dialética**. Tradução Élcio de Gusmão Verçosa Filho. São Paulo: Edições Loyola, 2010. (Coleção Aristotélica).

BERTI, Enrico. **Perfil de Aristóteles**. Tradução José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2012.

COELHO, Maria Cecília M. N. Considerações sobre filosofia, retórica, imagem e verossimilhança em Platão. **Discurso** - Departamento de Filosofia da FFLCH DA USP, v. 41, p. 185-222, 2011.

COOPER, Lane. Introduction. In. ARISTOTLE. **The Rhetoric of Aristotle**. Tradução Lane Cooper. New Jersey: Prentice-Hall, 1960.

FONSECA, Isis Borges B. Introdução. In: ARISTÓTELES. **Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. IX-XV.

GROOS, Daniel M. **The Secret History of Emotion: From Aristotle's Rhetoric to Modern Brain Science**. Chicago, London: The University of Chicago Press, 2006.

HÖFFE, Otfried. **Aristóteles**. Tradução Roberto Hofmeister Pich. Porto Alegre: Artmed, 2008.

JAEGER, Werner. **Paideia: a formação do homem grego**. Tradução Arthur M. Parreira. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. (Clássicos WMF).

JONES, Peter V. **O mundo de Atenas: uma introdução à cultura clássica ateniense**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KENNEDY, George A. **History of Classical Rhetoric**. Princeton: Princeton University Press, 1994.

KENNEDY, George A. **On Rhetoric: A theory of civic discourse**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2006.

KONSTAN, David. **The emotions of the Ancient Greeks: studies in Aristotle and classical literature**. Toronto, Buffalo, London: University of Toronto Press, 2007.

LACERDA, Ticiano Curvelo Estrela de. *Contra os Sofistas e Elogio de Helena de Isócrates: tradução, notas e estudo introdutório.* (2011). Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, 2011.

LOPES, Daniel Rossi Nunes. *Retórica.* In: CORNELLI, Gabrielli; LOPES, Rodolfo (coord.). **Platão.** São Paulo: Paulus; Portugal: Imprensa Nacional da Universidade de Coimbra, 2018.

LOPEZ-EIRE, A. “Innovación y modernidad de la retórica Aristotélica”. In: FERREIRA, José Ribeiro (org.). **A Retórica Greco-Latina e a sua perenidade.** Actas do Congresso. Volume I. Coimbra: Fundação Eng. Antônio de Almeida, 2000, p. 57-134.

MARQUES, Marcelo P. O Sofista: uma fabricação platônica? **Kriterion**, Revista da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, n. 102. Belo Horizonte: Dez/2000. p.66-88.

MARQUES, Marcelo P. Os sofistas: o saber em questão. In: Vinícius de Figueiredo (org.). **Filósofos na sala de aula.** Vol. 2. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2007. p. 11-45.

MARQUES, Regina. Retórica e argumentação: origens e territórios de acção. **Revista Rhêtorikê** #0, 2009, p. 1-23.

MCKIRAHAN, Richard. Sofistas. In: CORNELLI, Gabrielli; LOPES, Rodolfo (coord.). **Platão.** São Paulo: Paulus; Portugal: Imprensa Nacional da Universidade de Coimbra, 2018.

MEYER, Michel. Aristóteles ou a retórica das paixões. In: ARISTÓTELES. **Retórica.** São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. XVII-LI.

PELLEGRIN, Pierre. **Le Vocabulaire d’Aristote.** Paris: Ellipses, 2001.

PETERS, F. E. **Termos filosóficos gregos:** um léxico histórico. Tradução Beatriz Rodrigues Barbosa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

PLATÃO. **Fedro.** Tradução Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 1975. (Diálogos Vol. V).

PLATÃO. **República.** Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 14. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.

PLATÃO. **Sofista.** Tradução Jorge Peleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Coleção os Pensadores).

REBOUL, O. **Introdução à Retórica.** Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROHDEN, Luiz. **O poder da linguagem:** a arte retórica de Aristóteles. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

RORTY, Amélie O. (ed.). **Essays on Aristotle's Rhetoric**. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1996.

RUIZ DE LA CIERVA, María del Carmen. Los géneros retóricos desde sus orígenes hasta la actualidad. **Revista Rhêtorikê** #0, 2007, p. 1-40.

TUCIDIDES. História da Guerra do Peloponeso. Tradução Mário da Gama Kury. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001. (Clássicos IPRI, 2).

WORTHINGTON, Ian (ed.). **A Companion to Greek Rhetoric**. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.

YUNIS, Harvey. Plato's Rhetoric. In: WORTHINGTON, Ian (ed.). **A Companion to Greek Rhetoric**. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.